

Relações raciais no pioneirismo sociológico de Virgínia Bicudo

Ana Paula Vicente de Oliveira *

Resumo:

O artigo apresenta a intelectual negra brasileira Virgínia Leone Bicudo, cujo percurso acadêmico e político foi marcado por muitos pioneirismos: (i) foi a única mulher [e negra] a concluir o mestrado na primeira turma de pós-graduação da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo; (ii) foi a primeira psicanalista não médica no país; (iii) foi precursora nos estudos referentes às relações raciais no Brasil; (iv) foi a única mulher negra a participar nos anos de 1950 do Projeto Unesco, coordenado por Florestan Fernandes e Roger Bastide. Apesar de sua densa trajetória teórica e política com significativas contribuições para o desenvolvimento da Sociologia e da Psicanálise brasileiras, Virgínia Bicudo não ocupa o panteão destinado aos guardiões do pensamento social brasileiro.

Palavras-chave: Virgínia Bicudo; Relações raciais no Brasil; Intelectuais negras; Sociologia.

Race relations in Virgínia Bicudo's sociological pioneering

Abstract:

The article introduces the black Brazilian intellectual Virgínia Leone Bicudo, whose academic and political career was marked by many pioneering actions: (i) she was the only [and black] woman to complete her master's degree in the first graduate class at the Free School of Sociology and Politics in São Paulo; (ii) was the first non-medical psychoanalyst in the country; (iii) it was a pioneer in studies related to race relations in Brazil; (iv) she was the only woman to participate in the Unesco Project in the 1950s, coordinated by Florestan Fernandes and Roger Bastide. Despite its dense theoretical and political trajectory with significant contributions to the development of Brazilian Sociology and Psychoanalysis, Virgínia Bicudo does not occupy the pantheon destined for the guardians of Brazilian social thought.

Keywords: Virgínia Bicudo; Race relations in Brazil; Black intellectuals; Sociology.

* Doutoranda em Psicologia pela Universidad de Ciencias Empresariales y Sociales de Buenos Aires (UCES), Argentina. End. eletrônico: paulavraja@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9770-153X>

Seguindo pelas trilhas de Virgínia Bicudo

Virgínia Leone Bicudo! A exclamação antecipa a grandiosidade teórica e política desta intelectual negra que teve uma trajetória marcada por múltiplos pioneirismos. É bem provável que o adjetivo *desbravadora* seja o mais adequado para se referir a esta socióloga e psicanalista, que ao longo de sua carreira se dedicou à pesquisa sociológica sobre as relações raciais e aos aspectos psicanalíticos e psicossociais de pretos e *pardos*¹ no Brasil.

Um rápido exame da trajetória desta intelectual revela extraordinário dinamismo e amplitude que se estendem das pesquisas empíricas, sob a supervisão direta de Donald Pierson², ao desenvolvimento de uma produção teórica de fôlego, materializada em sua dissertação de mestrado, *Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo*, defendida em 1945 na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo. Ela também integrou o seleto grupo de pesquisadores que, de 1950 a 1953, sob a coordenação de Roger Bastide e Florestan Fernandes (1955), participaram do estudo sobre relações raciais patrocinado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), popularmente conhecido como *Projeto Unesco*³. Neste, ficou sob a responsabilidade de Bicudo o desenvolvimento da pesquisa sobre as atitudes de alunos/as de grupos escolares da capital paulista em relação à cor de seus/suas colegas.

Sua relação com a sociologia, assim como com a psicanálise, foi ocorrendo aos poucos. Em 1932, ela concluiu o Curso de Educadores Sanitários da Escola de Higiene e Saúde Pública do Estado de São Paulo. Na sequência, passou a integrar a Seção de Higiene Mental Escolar do Serviço de Saúde Escolar do Departamento de Educação. Mais tarde, em 1938, concluiu sua formação como Educadora Sanitária. Ao ingressar, em 1936, na Escola Livre de Sociologia e Política, conheceu o médico Durval Marcondes que, ao mesmo tempo em que era aluno da instituição, também ministrava a disciplina Psicanálise e Higiene Mental. Começava ali uma parceria de trabalho que resultou no desenvolvimento da Psicanálise no Brasil.

¹ À época não havia, no Brasil, um acúmulo das discussões políticas que levaram à construção da categoria negro, compreendendo pretos e pardos. Nos textos de Virgínia Bicudo são encontradas, de um lado, as categorias preto e negro, quase sempre significando o mesmo grupo populacional, isto é, aquelas pessoas de pele mais escura – que também eram chamadas de “pessoas de cor”; e, de outro, estão as referências à categoria “mulato” para se referir aos indivíduos *mestiços*, com traços negroides, mas com pele clara. Por esta razão, e adotando a nomenclatura atual que, aliás, é fruto de intenso debate do movimento negro, neste artigo será adotada a categoria *pardo* (em itálico) toda vez que a autora empregar o termo “mulato”.

² Sociólogo estadunidense que fez parte do corpo docente da Escola de Sociologia e Política, se tornando, nos 1940, o orientador de Virgínia Bicudo. O sociólogo também é reconhecido pela inauguração dos estudos sobre a mobilidade da população *mestiça* no Brasil, chegando à conclusão de que não haveria um *preconceito racial* no país, mas um *preconceito de classe*. Tese da qual Bicudo discordará veementemente, como veremos mais adiante.

³ Abordaremos mais adiante.

A chegada de Virgínia aos estudos sociológicos veio acompanhada de suas preocupações oriundas da área da saúde, o que, por sua vez a conduziu definitivamente a se dedicar à psicanálise. No presente artigo, nos deteremos à contribuição da autora às pesquisas sobre as relações raciais que influenciaram os estudos empíricos na sociologia. Em quaisquer das trilhas de Virgínia Bicudo, encontraremos a questão racial como núcleo de seus trabalhos acadêmicos. A este respeito, Maria Helena Teperman e Sônia Knopf (2011) sugerem que, além do interesse intelectual, existe outro determinante fundamental na escolha da autora pelo tema das relações raciais no Brasil: “sua experiência pessoal com o preconceito de cor” (2011, p. 69).

Do racismo na infância aos estudos sobre relações raciais

Virgínia Bicudo nasceu quando os fantasmas e dores da escravidão eram ainda mais sentidos nas peles pretas. Era filha de Giovanna Leone, uma imigrante italiana sem posses que trabalhava com sua família na fazenda de café de Bento Augusto de Almeida Bicudo; onde também vivia Theófilo Bicudo, o pai de Virgínia. O sobrenome comum não indica parentesco algum com o coronel campineiro. Ao contrário, a mãe e o pai de Theófilo foram escravizados. O sobrenome indica apenas a que família o/a trabalhador/a escravizado/a “pertencia”. Alguns estudos indicam que o pai de Virgínia “recebeu” este sobrenome já na idade adulta (Teperman; Knopf, 2011) e que era afilhado do fazendeiro (Maio, 2010). O fato é que antes disso, nem ele nem sua mãe (a avó de Virgínia, que era alforriada) tinha sobrenome oficial.

Casados, Giovanna e Theófilo se mudaram para São Paulo. Virgínia, a segunda de um total de seis filhos/as, nasceu em 1910 no bairro da Luz. Para o sustento da família, seu pai, embora tenha recebido formação escolar⁴, teve de se contentar em trabalhar a vida toda como funcionário público federal dos Correios e Telégrafos. Seu desejo era outro, sonhava “com uma carreira na medicina, mas suas tentativas foram frustradas pela recusa em recebê-lo, pois era negro” (Teperman; Knopf, 2011, p. 69). Sobre este triste episódio, em entrevista a Marcos Chor Maio, nossa autora relembra o quanto o pai sofreu com a discriminação racial:

Olha, vou contar uma coisa tristíssima da história dele. Ele queria fazer universidade. Na época era Curso Superior. E ele queria ir para Medicina. Então estava no sexto ano do ginásio. Veja que homem esforçado, hein? Veio de empregado doméstico que ele era, depois foi subindo e fez o Ginásio do

⁴ O pai de Virgínia recebeu “apoio financeiro do Coronel Bicudo quando se transferiu para São Paulo a fim de realizar sua formação escolar. Estudou no tradicional Ginásio do Estado e ingressou, por influência política do padrinho, nos Correios e Telégrafos, onde veio a se tornar alto funcionário” (Maio, 2010, p. 310). O coronel, considerado o “padrinho”, também foi senador pelo Partido Republicano Paulista e fundador do jornal *O Estado de S. Paulo* (Maio, 2010).

Estado. E quando terminou o Ginásio do Estado naquele ano, ele passava direto para Faculdade de Medicina. Naquele tempo não havia vestibular para Medicina. Terminava o ginásio e entrava na Medicina ou em qualquer curso superior. Então, o professor que chamava Barros ou Barrinhos, do ginásio do último ano, quando viu que meu pai ia para Faculdade de Medicina, reprovou. Porque ele disse que negro não podia ser médico. Então, meu pai durante 10 anos ficou fazendo o sexto ano para passar e entrar na Medicina. E esse professor que eu não esqueço o nome... Parece que é castigo, Barros, da Física, reprovava (Chor, 2010, 334-335).

Ao atingir a idade escolar, ela também passou a sofrer com o racismo. Virgínia Bicudo teve a oportunidade de cursar o primário (que, hoje, corresponde ao Ensino Fundamental) na considerada ótima Escola do Brás, posteriormente denominado Ginásio do Estado. Sua experiência escolar foi das mais traumáticas:

Eu fui criada fechada em casa, quando saí foi para ir à escola e foi quando, pela primeira vez, na escola, a criançada começou: negrinha, negrinha. Quando eu estava em casa, eu nunca tinha ouvido. Então eu levei um susto. Saí de casa para a rua e a criançada que era colega de escola, tal, só batia palmas com: negrinha, negrinha, negrinha. Eu me fechava em casa, voltava para dentro, um susto, né? (Teperman; Knopf, 2011, p. 70).

Estudiosa e incentivada pelo pai, conseguiu enfrentar o racismo. O medo da rejeição a fez adotar a estratégia do bom comportamento. Recebia dos progenitores a instrução para que fosse aplicada nos estudos e tirasse notas boas para que não fosse rejeitada. Era uma tentativa de escapar do racismo. Como a própria Virgínia relatou: “Por que essa expectativa? Por causa da cor da pele. Só pode ter sido por isso. Eu não tive na minha experiência outro motivo” (Haudenschild, 2020, p. 222).

Seus estudos secundários (correspondentes ao atual Ensino Médio) foram cursados na tradicional Escola Normal Caetano de Campos, sendo diplomada como professora primária em dezembro de 1930. Em entrevista à Haudenschild (2020), a intelectual relatou que ficou muito feliz quando foi estudar na Escola Caetano de Campos, pois passou a ter as mesmas oportunidades de estudo que as moças de classe social mais elevada, em geral, brancas. Ao sociólogo Marcos Chor Maio (2010), a intelectual relembra que não havia outras pessoas negras nestes ambientes.

Orientada pelo pai, decidiu não lecionar em escolas do interior (como era exigido a quem iniciava a carreira no magistério). Preferiu ingressar no Curso de Educadores Sanitários do Instituto de Higiene de São Paulo, formação que concluiu em 1932. A realização do curso ocorreu no contexto de um novo ciclo de urbanização e industrialização de São Paulo, no qual as políticas educacionais foram fundamentais à inserção das mulheres da classe média baixa no campo profissional

(Maio, 2010b). Ao final do curso, Virgínia passou a integrar a Seção de Higiene Mental Escolar do Serviço de Saúde Escolar do Departamento de Educação, tornando-se mais tarde, em 1938, Educadora Sanitária.

Neste intervalo, em 1936, Bicudo ingressou na segunda turma da Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Foi um período de intensas movimentações políticas no país e de grandes transformações de ordem teórica e metodológica para a intelectual. A área de Ciências Sociais estava dando seus primeiros passos. Bicudo foi a única mulher a se graduar em Ciências Políticas e Sociais em 1938. Na sequência, cursou o mestrado e, em 1945, defendeu a dissertação intitulada *Estudo de atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo*, naquela que seria a primeira turma de pós-graduados em Ciências Sociais do Brasil.

No mesmo ano, aceitou ao convite de Durval Marcondes⁵ e tornou-se uma das primeiras professoras universitárias negras do país ao iniciar o trabalho como sua assistente nas disciplinas de Higiene Mental e Psicanálise da Escola de Sociologia e Política. Os cursos ministrados por ambos tratavam de questões como a higiene mental em períodos de guerra, a “criança-problema” e a influência do lar na formação infantil (Gomes, 2013).

O fazer sociológico de Virgínia Bicudo

A trajetória de Bicudo foi marcada direta e indiretamente pelo impacto do racismo e pela formação na área da Saúde Mental. Ambas as experiências foram fundamentais para o desenvolvimento de suas investigações sociológicas e de suas intervenções psicanalíticas e/ou psicossociais, alimentando-se reciprocamente.

Ao se tornar visitadora psiquiátrica do Serviço de Higiene Mental Escolar, fundado por Durval Marcondes, ela passa a ter contato tanto com crianças em idade escolar como com suas famílias e seus/suas professores/as. Como visitadora psiquiátrica exercia a tarefa de assistir e orientar familiares e professores/as de crianças consideradas “desajustadas”. Por meio da observação, das histórias de vida e da análise dos ambientes familiares e afetivos, a socióloga percebeu que, mais que um problema individual, existia uma relação causal entre os problemas dessas crianças e as relações sociais. O exercício deste trabalho como chefe das visitadoras psiquiátricas da Seção de Higiene Mental Escolar, concedeu-lhe prestígio, tornando-

⁵ O médico foi também responsável pela aproximação da socióloga com sua futura psicanalista, a judia-alemã Adelheid Koch e, mais uma vez, Virgínia Bicudo seria a primeira mulher a ser analisada na América Latina. Na sequência viria a ser a primeira psicanalista sem formação em medicina no Brasil, contribuindo ativamente para a institucionalização do exercício da clínica psicanalítica no país. Assim, participou do Grupo Psicanalítico de São Paulo que, posteriormente, passou a se chamar Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, filiada à International Psychoanalytical Association (Maio, 2010).

a precursora da psicanálise com crianças no Brasil, principalmente da linhagem kleiniana (Gomes, 2013).

Esta mesma notoriedade, atrelada à sua sólida formação em sociologia, a leva a integrar, em 1950, a equipe de pesquisadores do Projeto Unesco de Relações Raciais, que reuniu pensadores como Florestan Fernandes e Roger Bastide no contexto da definição de uma agenda antirracista de enfrentamento ao nazismo, ao racismo e em defesa do processo de descolonização africano e asiático (Maio, 2010b).

Com efeito, pouco tempo antes, Virgínia Bicudo havia publicado a pesquisa sobre relações raciais em que analisou os processos de escolarização e ascensão social da população negra em São Paulo. Trata-se da dissertação de mestrado *Estudo de Atitudes Raciais de Pretos e Mulatos em São Paulo*, defendida em 1945 (Gomes, 2013). Os procedimentos metodológicos adotados pela autora foram inovadores para o período. Diferentemente de falar sobre os/as negros/as, Bicudo decidiu ouvi-los/as com o objetivo de compreender a formação da identidade negra (Bastos, 2010; Oliveira, 2022).

A pesquisa foi realizada por meio de entrevistas com pais de alunos/as de escolas públicas, que frequentavam a Clínica de Orientação Infantil da Seção de Higiene Escolar, que Bicudo coordenava, e com ex-militantes da Frente Negra Brasileira⁶ – organização política que tinha como objetivo a mobilização contra os obstáculos para a ascensão social dos negros –, além de recorrer ao jornal *Voz da Raça*, publicação da Frente Negra (Bicudo, 2010; Gomes, 2013).

Com vistas a proceder à análise, a pesquisadora entrevistou homens e mulheres negros/as classificando-os/as segundo a condição econômica, a profissão e o nível de instrução. O processo de socialização, aspecto fundamental da construção da identidade, foi reconstruído através das histórias de vida dessas pessoas. No Prefácio da edição de 2010 da publicação da dissertação de Bicudo, Élide Rugai Bastos (2010) observou que a investigação permitiu a apreensão de novas perspectivas sobre as atitudes raciais dos/as entrevistados/as: a) a percepção tardia pelos/as negros/as da existência da discriminação; b) seus limites no desenvolvimento dos papéis sociais, econômico-profissionais e culturais; c) o isolamento autoimposto por negros/as que alcançaram uma ascensão social; d) o conflito existente para a integração e a aceitação da situação racial.

Para Maio (2010), em sua investigação sobre a “questão racial” no Brasil, Bicudo “combina análise sociológica (estrutura de classes, mobilidade social, status, valores sociais, preconceito de cor) com psicologia social (“atitudes sociais”).

⁶ A mais importante organização política da população negra nos anos de 1930. Fundada em 1931, a Frente Negra Brasileira criou escolas, centros de formação, clubes para festas, espaços de reuniões etc. Como as demais organizações, suas atividades foram interrompidas com o golpe de Estado de 1937. Sobre a Frente Negra, ver os importantes estudos de Petrônio Domingues (2008).

Converge assim para sua formação em ciências sociais associada a estudos e experiências no campo da psicanálise” (Maio, 2010b, p. 34).

A autora introduz a mescla de um método de pesquisa usado na Sociologia com uma preocupação, trazida da Psicanálise. Neste sentido, diferentemente dos cânones da Sociologia, ela estabelece uma proximidade entre pesquisadora e *objeto*, possibilitando “extrair uma maior riqueza de informações para suas análises, vencendo as inibições dos entrevistados em relatar acontecimentos sobre os quais inicialmente prefeririam ficar em silêncio, como as experiências traumáticas relacionadas ao *preconceito de cor*” (Santos, 2021, p. 108). As entrevistas também possibilitam que a socióloga tenha acesso à subjetividade desses pretos e *pardos*, “pois os sujeitos verbalizavam suas experiências e percepções sobre a realidade ao redor” (Santos, 2021, p. 108).

Outra originalidade de Bicudo é a análise da *Associação de Negros Brasileiros*, pseudônimo utilizado por ela para se referir à Frente Negra Brasileira. Enquanto seus pares, incluindo seu orientador Donald Pierson, atribui pouca ou nenhuma relevância aos movimentos políticos de negros no Brasil, a autora percebe a influência do movimento no que ela denominou de *consciência de cor*. A socióloga Virgínia Bicudo compreendeu “que a experiência do racismo é a ignição para a tomada da *consciência de cor* e da organização política em torno da raça” (Santos, 2021, p. 84).

Mais que isso, ela percebe que a organização política em torno da raça evidencia que não há pacificação possível na *situação racial*, especialmente em São Paulo, onde, por meio de sua pesquisa, “Bicudo consegue capturar que pretos e mulatos têm suas subjetividades afetadas pelas experiências de racismo” (Santos, 2021, p. 84). Para Bicudo, pretos e *pardos* nunca seriam totalmente integrados na sociedade brasileira, pois a cor se mantinha como barreira aos sujeitos pretos, o que, por sua vez, demonstra como o preconceito racial opera na vida psíquica e no cotidiano dessas pessoas. A autora demonstrou que a cor é uma importante variável na produção de desigualdades sociais.

Com relação aos negros de classe média, estes também continuavam a encontrar barreiras no meio social branco, ainda que tivessem ascendido profissionalmente e conquistado o nível superior (Oliveira, 2022).

[...] No convívio íntimo com brancos, o preto adquire as maneiras de pensar e sentir do branco também no que se refere ao próprio preto, passando a ter para o preto a mesma atitude e os mesmos sentimentos do branco. Em virtude dos contatos primários da infância e do mecanismo psíquico da identificação, o preto introjeta as ideias do branco e passa então a ver os pretos do ponto de vista do branco, desprezando-os. Vendo-se também a si próprio do ponto de vista do branco,

perde o direito de reagir contra o branco. Suas energias são empenhadas no esforço de eliminar os motivos do conceito de inferioridade, a fim de conquistar a consideração do branco (Bicudo, 2010, p. 97).

Os *pardos*, por sua vez, demonstraram sentimento de inferioridade ao tentar escapar de conflitos com os brancos, atitudes estas baseadas na vergonha de sua origem e no receio de serem considerados pretos (Bicudo, 2010).

Sua conclusão foi que quanto mais o grupo negro ascende social e economicamente, maior é a possibilidade de haver tensão racial. Sob esse aspecto, a pesquisadora argumentou que os esforços de pretos e *pardos* pela conquista de novo status social por meio da educação e formação profissional, não levam à eliminação do preconceito (Maio, 2010). A investigadora demonstrou a relevância da *variável cor* na construção das desigualdades sociais e evidenciou a importância da formação de associações negras, como a Frente Negra Brasileira, para a conscientização e articulação política desse grupo. A originalidade de sua pesquisa foi demonstrada inclusive na adoção da escola e da família como laboratório de pesquisas sobre relações raciais na sociologia brasileira (Gomes, 2013).

A descoberta de Virgínia Bicudo vai totalmente na direção contrária dos estudos e convicções da época. Crescia no Brasil, principalmente após 1933 com a publicação de *Casa-grande & senzala*, de Gilberto Freyre (2003), a ideia de que reinava no país uma harmonia racial. Para o antropólogo, os colonos portugueses não eram tão preconceituosos assim. Além disso, a falta de mulheres europeias favoreceu a mistura racial proporcionando uma “união harmoniosa” entre senhores e mulheres escravizadas e, logo, entre brancos e negros.

Esta imagem de que havia uma democracia racial em terras brasileiras chamou a atenção da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, que financiou o já mencionado *Projeto Unesco* que, frente aos horrores deixados pelo nazismo, pela política de segregação racial nos Estados Unidos e na África do Sul, decidiu patrocinar um conjunto de pesquisas para entender como funcionava a democracia racial no país e como aplicá-la a outras nações.

No projeto sobre relações raciais empreendido pela UNESCO, que buscava retratar a suposta harmonia promovida pelo mito da democracia racial no Brasil, Bicudo contribuiu com um amplo estudo sobre atitudes raciais com alunos do curso primário de escolas públicas de São Paulo. A investigação intitulada *Atitudes dos Alunos dos Grupos Escolares em relação com a Cor dos seus Colegas* (1955) pretendia observar desde as premissas da psicologia social os sentimentos e os mecanismos de defesa expressos nas atitudes associadas à cor dos estudantes, assim como aplicar a atitude racial como instrumento de aferição do preconceito. Participaram da pesquisa mais de 4 mil crianças entre 9 e 15 anos, de 108 escolas públicas do município de São Paulo. Um questionário foi utilizado para avaliar as atitudes de

rejeição ou de intimidade entre os alunos associando-as ao tipo de cabelo, traços físicos e cor da pele (Maio, 2010b; Gomes, 2013).

Quanto às atitudes de rejeição, foi inexpressiva a quantidade de respostas por motivos explicitamente raciais. Segundo Bicudo (1955), o uso dos estereótipos raciais indica a necessidade de justificar-se do sentimento de culpa ligado à discriminação:

[...] os brancos procuram esconder a sua atitude desfavorável para com os mulatos e negros de diferentes formas: uns utilizando-se de expressões como ‘há bons e maus entre brancos e pretos’, ‘são todos humanos’, ‘o que faz as pessoas diferentes é a educação e a instrução’, porém revelando resistência para aceitar pessoas de cor em alguns aspectos da vida mais íntima, como por exemplo, para cônjuge; outros pronunciando-se abertamente contra os negros, mas justificando-se pela afirmação de que são perversos, maus, bêbados, desonestos, vagabundos, ladrões e macumbeiros. (Bicudo, 1955, p. 294).

Frente às atitudes de brancos e mestiços, os grupos negros acabavam por produzir uma imagem negativa de si próprio. Por outro lado, a conduta agressiva ou negligente de alguns negros era vista como prova das qualidades negativas que os outros lhes atribuíam, o que, por sua vez, reforçava a tendência à hostilização por esses grupos (Maio, 2010). A autora observou que a aparente relação de harmonia entre brancos, *pardos* e pretos tornava os brancos o padrão determinante nas escolhas de preferência e rejeição, o que contribuiu para a “idealização do branco”. O que também contribuiu para um discurso da superioridade de um grupo social e da inferioridade de outro, demonstrando definitivamente a existência de uma segregação racial.

A descoberta de Bicudo é muito diferente daquela que propagava a democracia racial, mas também das teses que consideravam que a situação de extrema precariedade e pobreza de trabalhadores/as negros/as era em decorrência dos problemas sociais advindos da estrutura de classes. A este respeito, Florestan Fernandes (2008; 2007), importante expoente desta linha de pensamento, considera que a dificuldade de integração dos/as negros na sociedade brasileira se deve à herança da escravidão, que jogou este contingente ao analfabetismo, à desnutrição, à criminalidade etc. Neste sentido, bastaria melhorar as condições de acesso à educação, emprego etc. que as relações raciais melhorariam.

Virgínia definitivamente demonstra o contrário. As entrevistas que realizou confirmam o quanto a valorização do branco, aprisiona o negro numa imagem alienada (a branca). Mais tarde, outra psicanalista negra, Neusa Santos Souza (1983), enfatizará que nascer com a pele preta ou com traços negroides no Brasil é pertencer a um grupo que foi desenraizado, discriminado racialmente.

Na perspectiva de Clóvis Moura (1988, p. 62), a classe dominante, branca, instaurou mecanismos ideológicos de barragem aos segmentos discriminados e escolheu o branco “como tipo ideal, representativo da superioridade étnica na nossa sociedade”. Em contrapartida, esta classe impôs ao negro “um tipo negativo, inferior, étnica e culturalmente” e entre os dois polos foi estabelecida “uma escala de valores que vê no branco o modelo superior, no negro o inferior e as demais nuances de miscigenação mais consideradas integradas ou socialmente condenadas, repelidas, à medida que se aproximam ou se distanciam de um desses polos considerados o positivo e o negativo, o superior e o inferior nessa escala cromática” (Moura, 1988, p. 62).

Esse processo levou à fuga simbólica da dor da realidade que marginaliza e discrimina. O resultado foi a busca penosa para identificarem-se com a camada branca dominante, como descoberto por Virgínia Bicudo ainda nos anos de 1940.

Considerações finais

Este artigo buscou apresentar de forma exordial a socióloga e psicanalista Virgínia Leone Bicudo, assim como tratou de revelar alguns aspectos de suas contribuições teóricas, em especial para a Sociologia.

Na década de 1940, a maioria dos sociólogos acreditava que o preconceito de classe era o único obstáculo enfrentado por pretos e *pardos* no país. No entanto, a abordagem inovadora e pioneira de Bicudo permitiu compreender as complexas dinâmicas sociais e psicológicas que permeiam a experiência desses sujeitos, desafiando as concepções limitadas e estereotipadas da época. Suas indagações e achados, tanto em sua dissertação de mestrado *Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo* como na pesquisa sobre relações raciais para a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), trouxeram à luz a influência do racismo na formação da identidade e na vivência cotidiana dos negros, além de contribuírem significativamente para o surgimento de um debate sobre as relações raciais no âmbito da sociologia.

Em sua dissertação, ao empregar o conceito de atitude racial para investigar a compreensão dos indivíduos negros e *pardos* em relação às interações com a população branca de São Paulo, Bicudo abordou as dinâmicas sociais e a complexidade das relações raciais, investigando como essas atitudes influenciam as interações cotidianas entre os diferentes grupos étnico-raciais. Ao explorar as experiências e as perspectivas desses sujeitos, a pesquisadora contribuiu para uma compreensão mais profunda das relações raciais no Brasil.

Já no texto *Atitudes dos alunos dos grupos escolares em relação com a cor de seus colegas*, resultado de sua pesquisa para o Projeto UNESCO, a socióloga realizou uma análise do cotidiano escolar e familiar dos alunos, com especial atenção às categorias raça, gênero e nacionalidade. O conflito racial volta a surgir nessa investigação,

contrapondo o pensamento da época defendido por intelectuais como Florestan Fernandes e Roger Bastide, dentre outros.

Ademais, os estudos realizados por Bicudo desempenham um papel fundamental na compreensão da situação social dos pretos e *pardos* no contexto atual, em que o capitalismo agudiza as manifestações racistas. Suas pesquisas minuciosas e analíticas lançam luz sobre as estruturas sociais e econômicas que perpetuam a discriminação racial, evidenciando as formas sutis e sistemáticas de racismo presentes na sociedade contemporânea. Ao desvendar essas dinâmicas complexas, a pensadora nos brinda com constatações valiosas sobre os mecanismos de poder e as relações de dominação que moldam as experiências cotidianas das pessoas racializadas. Seus estudos não apenas fornecem uma base sólida para o debate sobre e a luta contra o racismo, mas também abrem caminho para o reconhecimento de Virgínia Bicudo como uma importante intelectual negra brasileira.

Referências

- BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan (Orgs). *Branços e negros em São Paulo*: ensaio sociológico sobre aspectos da formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.
- BASTOS, Élide Rugai. Prefácio. Acomodação ou consciência da discriminação? In: BICUDO, Virgínia Leone. *Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo* (Edição organizada por Marcos Chor Maio). São Paulo: Editora Sociologia e Política, 2010 [1945], p. 11-22.
- BICUDO, Virgínia Leone. Atitudes dos alunos dos grupos escolares em relação com a cor dos seus colegas. In: BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan (Org.). *Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo*. São Paulo: Editora Anhembi/Unesco, 1955. p. 227-310.
- _____. *Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo* (Edição organizada por Marcos Chor Maio). São Paulo: Editora Sociologia e Política, 2010 [1945].
- DOMINGUES, Petrônio. Um “templo de luz”: Frente Negra Brasileira (1931-1937) e a questão da educação. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 39, p. 517-534, 2008.
- FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Globo, 2008.
- _____. *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Global, 2007.

- GOMES, Janáina Damaceno. *Os Segredos de Virgínia: Estudo de Atitudes Raciais em São Paulo (1945-1955)*. 2013. 166f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- HAUDENSCHILD, Teresa Rocha Leite. Virgínia Leone Bicudo: A última entrevista. *ALTER – Revista de Estudos Psicanalíticos*, v. 36, n.1/2, p. 227-241, 2020.
- MAIO, Marcos Chor. A contribuição de Virgínia Leone Bicudo aos estudos sobre as relações raciais no Brasil. In: BICUDO, Virgínia L. *Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo*. São Paulo: Editora Sociologia e Política, 2010b. p. 23-60.
- _____. Educação sanitária, estudos de atitudes raciais e psicanálise na trajetória de Virgínia Leone Bicudo. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 35, p. 309-355, 2010.
- MOURA, Clóvis. *Sociologia do negro brasileiro*. São Paulo: Ática, 1988.
- OLIVEIRA, Ana Paula Vicente. Virgínia Bicudo y el Psicoanálisis en Brasil. In: *XVIII Jornadas Internacionales de Investigación en Psicología UCES 2022*. Universidad de Ciencias Empresariales y Sociales, Buenos Aires, 2022.
- SANTOS, Marcell Machado dos. *O mundo branco é um moimbo: a sociologia das relações raciais em Virgínia Leone Bicudo*. Dissertação (Mestrado em Antropologia e Sociologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2021.
- SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. São Paulo: Graal, 1983.
- TEPERMAN, Maria Helena; KNOPF, Sônia. Virgínia Bicudo – uma história da Psicanálise brasileira. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, v. 44, n. 80, p. 65-77, 2011.